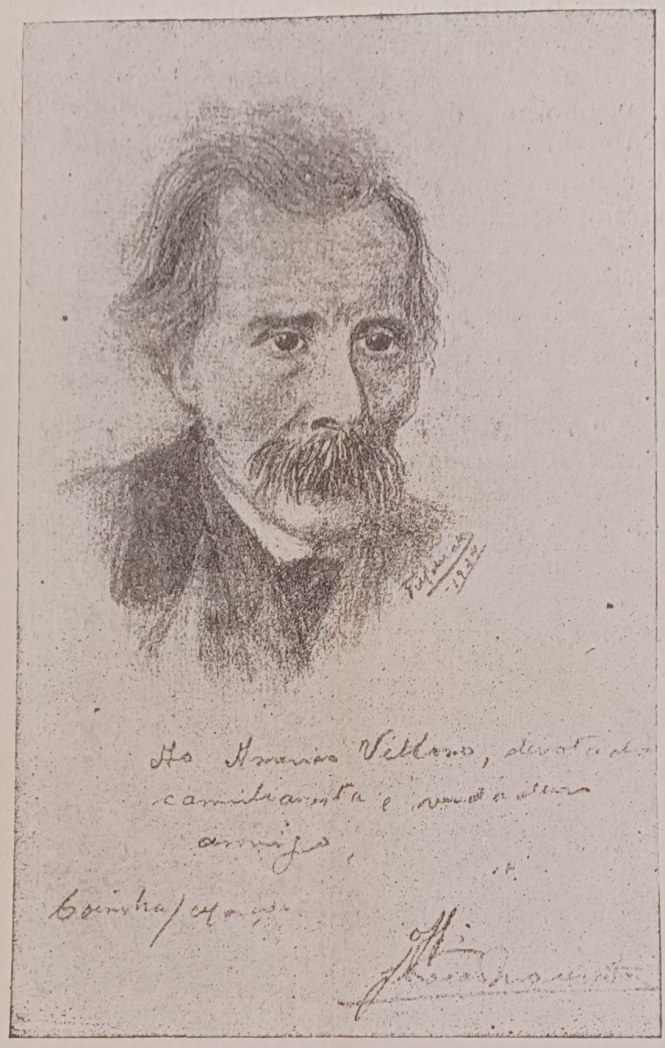
Notas Camilianas

por : : Américo Velloso



Ao Senhor Dr. Ricardo Jorge : :

Desenho : : de Tavares Mourato : :

A próxima comemoração do centenário de Camillo levou-me a percorrer em enternecida romagem espiritual todas as recordações do Mestre que consegui reünir para o meu culto.

Algumas delas merecem registo especial pelo interesse que podem despertar nêste momento. É o que vou fazer nas *Notas Camilianas*.

I

« O Vinho do Porto »

Existe na minha modesta colecção o exemplar do já quási esquecido opúsculo « O Vinho do Porto » (1), que pertenceu

(1) Porto, Livraria Civilisação, 1884.

ao escritor de tantas outras páginas modelares.

O simples facto de possuir o livro pouco teria de notável se uma circunstância verdadeiramente feliz o não tornasse uma autêntica preciosidade, e não me fizesse hoje intérprete de um desejo claramente expresso pelo seu autor numa nota que talvez só agora achasse a oportunidade de ser revelada.

Antes de mais nada, porém, e porque já quási está esquecido, seja-me permitido, embora resumidamente, dizer o que é « O Vinho do Porto ». *Processo de uma bestialidade ingleza*, chama Camillo à *exposição* que dedica a Thomaz Ribeiro dêste modo:

> *Como sei que o teu amor ás perfidas trêtas e manhas de Inglaterra não é dos mais acrizolados, venho offerecer ao teu sorriso um* SPECIMEN *de bestialidade ingleza.*

Ora a *exposição* de Camillo ao autor do *D. Jayme*, é, nos intuitos, um *Finis Patriae* em prosa. E não se julgue temerariamente arrojada a comparação que se justifica conhecendo o fim que tiveram Camillo e Junqueiro ao elaborarem as suas sátiras formidáveis à Inglaterra.

O de Camillo, pode ler-se a pags. 84 e 85 do referido opúsculo:

> *N'este pedaço de litteratura da decadencia, ou decahida de todo, observe a critica escorreita que ha dois projectos:... O primeiro é — arrazar Inglaterra; e, com effeito, arraza-se.*

¿O de Junqueiro não estará nêstes versos:

> *.....só ficará, sob a densa neblina,*
> *Num pântano de sangue uma Gomorra a arder!*
> .....
> *Tudo rebentará em cacos pelo ar!...*
> *E ao soturno fragor de teus finais lamentos*
> *Responderão — ladrando! as cóleras dos ventos!*
> *Responderão — cuspindo! os vagalhões do mar!...* ?

Se alguma coisa os afasta é esta: Camillo fulmina com sarcasmos; Junqueiro com maldições.

Em 1849 a *Westminster Review* publicou um artigo de *um bretão anonymo* que condenava a nossa velha indústria de vinhos por perigosamente adulterados. Camillo, 35 anos depois, conhecedor dêste e de todos os outros pormenores da campanha, sabe aproveitá-los de maneira a torná-la de um ridículo *anglicida*.

Nêste empreendimento muito o ajudou o rio Douro que se vingara de um dos mais ferozes detractores dos vinhos da sua região... afogando nas suas águas, o barão de Forrester (1).

Agora voltemos à nota.

Junto a um artigo crítico de Valentim Magalhães, publicado na *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro, em 23 de junho de 1884, recortado e colado por Camillo em três meias folhas de papel de carta, leem-se as seguintes palavras escritas pelo punho do Mestre:

> *Se se fizer 2.ª edição deste opusculo, peço ao editor q lhe anteponha como prefacio as* Notas à margem *de Valentim de Mag.ães*

E porque julgo do maior interesse o conhecimento do artigo que mereceu a Camillo tamanha honra, transcrevo-o na íntegra com todas as alterações feitas pelo insigne romancista.

« NOTAS Á MARGEM

Acabo de repor sobre a mesa, lido de um jacto, o ultimo livro de Camillo Castello Branco: — *O vinho do Porto* — como se fôra um largo e crystallino calice do bello liquido de igual nome, esvasiado de um só trago.

E estou cançado; não pela fadiga da leitura: — por um excesso de riso. E tonto; perfeitamente embriagado por este *Vinho do Porto*. E' que o *espirito* de Camillo atordôa e estuga os sentidos, ataca a um tempo o estomago em guinadas de riso, em pinchos de gargalhadas e o cerebro em deslumbramentos rutilos, affogueados, clarões intermittentes, esfusiadas limpidas de clarins e trepidos rufos de tambores.

(1) Autor do opúsculo *A Word of truth Port wine.*

Extraordinario escriptor que é este! Quanto mais a geleira do tempo lhe encapucha a fronte com as neblinas alvacentas do inverno — mais se incende e crepita e fagulha e se illumina o vulcão que ella procura, mas não pode apagar.

Teimoso e exquisito cerebro — o d'este polygrapho indefesso, formidavel, unico! Ao badalar monotono e triste do relogio da vida que lhe bate ás *Avé-Maria*, chamando-o com a voz em queixas a meditar no tenebroso mysterio do desapparecimento, advertindo-o que é tempo de descançar — responde atrevidamente com repiques festivos de alacridade, com gyrandolas multicôres de estrepitosos remóques, campainhando pilherias, estrallejando chacotas...

— Ah, tu queres *Memento*? diz elle. Pois eu te ensino. Espera lá.

E, abrindo de par em par o vasto *pagode* do seu talento, dá dentro d'elle, em honra á visita do tal Sr. Inverno — uma grande festa de *estylo*; faz um novo livro. Embambinella as arcarias de marmore rendilhado com variegados e ondulantes tropos, pede á sua rhetorica — que é d'elle e de mais ninguem — as mais exoticas e finas flôres, e atapeta as naves e enfeita os ares com estendaes de rosas e pervincas, com chuveiros de anemonas e rosas (1), heliotropos e violetas, com festões e guirlandas de verbenas e pampanos, de myrtho e louro. Depois, a um signal de batuta do seu magro dedo, irrompe a symphonia da phrase e começam as danças.

Esguios Adjectivos funambulescos passam a rir, tinindo guisos, em cadencias molles, bamboleando os angulosos quadris e trazendo pela ponta dos dedos louras Imagens risonhas, gordas e rubicundas, como donzellas normandas — fendendo as bocas vermelhas em curvos golpes de perolas e desnudando os abundantes seios redondos e tremulos no offego das danças, no fluxo das gargalhadas...

Seguem após, como silenos avinhados e pandegos — os bojudos Adverbios encavalgados sobre possantes Participios, muito *passados*; que, de instante a instante, os sacodem pesadamente, em upas de rebeldia impotente.

Dos Substantivos, de todos os feitios e de todas as côres, uns saltam, deslisam, cantarolam e bailam delirantes, saltando (2) ás costas dos Adjectivos, agarrando-se aos Verbos; escondendo-se por traz dos Pronomes, com tregeitos espertos; outros meditabundos e graves — perpassam solitarios e tersos, cheios de circumspecção.

Mas ahi vêm os Neologismos. Uns sujeitos exquisitorios, alegres, inauditos e ineditos; piparatoeiam irreverentemente as orelhas versudas dos velhos Termos, tabaquentos e tropegos; encarapitam-se ao pescoço dos veneraveis Archeologismos e beijocam sem pudor as Expressões despeitoradas e faceiras. De repente todo esse mundo bizarro e tréfego rebenta a rir, a rir, a rir com furia, com destempero, escandalosamente... E' que entrou na dança uma chalaça de Camillo ou um dos sagittarios do grupo dos Sarcasmos...

Pois o *Vinho do Porto* é uma d'essas orgias phenomenaes com que vai Camillo desmoralisando as pretenções funebres da velhice. E' mais ou menos isso que ahi deixei mal esboçado: — uma saturnal deliciosa, um encanto, um deslumbramento. E', em resumo, uma bomba de pilheria, rebentada ao rubro nariz da matreira e insaciavel Albion — que, fingindo acreditar na *Jeropiga* (com *jóta*), vai abocanhando quanta *geropiga* (com *gê*) encontra nas lusas terras.

E entresachadas a essa história picaresca — anedoctas de cosinheiras e marquezas, biographias de medicos e patetas, philosophia e mostarda.

Delicioso — este *Vinho do Porto!* E legitimo. Podem bebel-o sem temor. A marca está de ha muito registrada no tribunal da admiração publica. E é — « Camillo Castello Branco. S. Miguel de Seide. Reserva do armazem. » E' bebel-o!

Aproveito o ensejo para uma rectificação necessaria.

No artigo, que sobre este escriptor notabilissimo escrevi n'esta folha a 3 de março d'este anno, pedia eu humildemente á « Ironia, á bilis e aos nervos » — os grandes amigos e protectores de Camillo e á tenia que é a sua velha companheira e boa inimiga — que o deixassem escrever até completar cem obras. Foi um engano. Dias depois verifiquei que ha muito que elle ultrapassou a sua centesima obra: e agora leio n'esta ultima:

« Emfim, eu sabia tudo, sem resalva das abominações procedentes do fogão; e os deuses me são testemunhas de que em *cento e tantos volumes* de analyse de ruins costumes nunca fiz máu uso dos segredos de Gertruria, etc... »

Faço, pois, gostosamente a referida rectificação, pedindo mil perdões ao illustre prejudicado e « á ironia, á bilis, aos nervos e á tenia » de Camillo que o conservem até que elle tenha presenteado as lettras portuguezas com a sua tricentesima obra.

E queiram desculpar-me o engano.

VALENTIM MAGALHÃES. » (1)

Uma outra alteração, e não menos importante, tencionava aínda Camillo fazer na 2.ª edição de « O Vinho do Porto ». Na penúltima página dêste opúsculo onde se lê:

> *Quanto a commendadores, quem contou as gotas do mediterraneo, as areias do Saharah e as estrellas da Via-Lactea?*

o Mestre acrescentaria o seguinte período:

> *As moscas incalculaveis, refractarias ao algarismo, as lendarias moscas da Povoa de Varzim, comparadas numericamente com os nossos commendadores, são raras como os* rari nantes *de Virgilio.*

E nada mais tenho a dizer àcerca do livro, em cujo frontispício o autor escreveu — *Exemplar de Camillo Cast.º Br.co*

Coímbra, 1924.

AMÉRICO VELLOSO.

---

(1) Camillo emenda para *e lyrios.*
(2) Camillo emenda para *pulando.*

(1) Ilustre escritor brasileiro.